

Uma lâmpada de barro

1. Introdução

Quando temos que explicar uma realidade complexa a pessoas simples, geralmente utilizamos metáforas, imagens, comparações. Em seus sermões santo Agostinho fazia o mesmo. Sabia que quando pregava em Hipona, a grande maioria de seus ouvintes era de pessoas de escassa cultura e de uma fé que se apoiava no que podiam gravar na memória. Por isso santo Agostinho, como bom orador, enche seus sermões e suas explicações da Sagrada Escritura com imagens, comparações e exemplos que eram familiares aos seus ouvintes. Deste modo, no sermão 46, o conhecido sermão sobre os pastores, com claras conotações e contexto antidonatista, para falar da figura de quem recebeu de Deus o encargo de apascentar seu rebanho, santo Agostinho utiliza uma imagem que está presente ao longo de todo o sermão: a imagem da lâmpada.

Tanto santo Agostinho como seus ouvintes estavam familiarizados com as lâmpadas de barro, já que as utilizavam todos os dias, e ao extinguir-se a luz do sol, a vida continuava sob a tímida luz dessas lâmpadas. São Possídio nos informa que santo Agostinho escreveu, ou melhor, ditou suas obras à luz destas lâmpadas de óleo (*Vita* 24); e que, ainda jovem, estando na Itália, se queixará de que a luz das lâmpadas de Roma, por uma questão de qualidade, não era tão boa quanto a das lâmpadas da África, pois em sua pátria o azeite era melhor e mais barato (*Acad.* 1, 3, 6).

Nas *Enarrationes in Psalmos*, sermões dedicados a explicar os salmos, a imagem da lâmpada de barro também será utilizada por santo Agostinho para falar do mistério da Encarnação: Cristo assume a natureza humana com tudo o que ela implica: seu barro, sua fragilidade, sua caducidade—contra o docetismo e as diversas versões gnósticas da encarnação—, mas enche-a da vida inextinguível de Deus que é o fogo que da lâmpada (*en. Ps.* 138, 14).

As lâmpadas de barro são também para santo Agostinho figura dos bons e maus cristãos, já que quando um mau cristão deixa que se apague nele o fogo de Deus, não só deixa de iluminar, como também enche a casa de fumaça e de mau cheiro (*Io. eu. tr.* 23, 3).

O pastor de almas é, pois, para santo Agostinho, como uma lâmpada de barro (*s.* 46, 5), alimentada com azeite. Recebeu algo que não é seu: o fogo de Deus. Um fogo que deve ser comunicado aos seus irmãos, iluminando-os com as lições próprias da Palavra de Deus, com a força dos sacramentos; mas também dando calor e luz com o testemunho de sua vida, dando exemplo de abnegação aos irmãos à imitação de Cristo, deixando que a vida se consuma, com alegria, no ministério e serviço prestado aos irmãos em favor da Igreja.

A lâmpada não recebeu o fogo para seu proveito próprio, mas para os demais. Se uma lâmpada foi acesa, como diz o evangelho e comenta santo Agostinho, não é para ser colocada debaixo do alqueire, mas no candelabro para que ilumine a todos os que estão na casa (Mt 5, 15). Esta é a missão do pastor de almas dentro da Igreja: ser como uma lâmpada que recebeu um dom que deve comunicar aos irmãos; mas se pode esquecer que, - elemento essencial no discurso agostiniano - mesmo tendo recebido algo maravilhoso, o fogo de Deus, o pastor continua sendo uma pobre e frágil lâmpada de barro. Por isso não deve buscar sua vanglória, nem buscar no ministério pastoral seu próprio louvor ou interesse particular (*s.* 46, 6). Deve ser humilde e, sobretudo, buscar não seus próprios interesses, mas os de Cristo (Fl 2, 21: *s.* 46, 2).

A lâmpada se alimenta do azeite e o pastor da Igreja distribui o mesmo do qual ele se alimenta (*s.* 339, 4). Não é simplesmente um funcionário, nem o dono daquilo que dá a seus irmãos. É um ministro, um servidor (*s.* 339, 4), que também se nutre daquilo que dá. Daqui a importância da vida interior do pastor. Se a lâmpada deixa de se alimentar do óleo da vida espiritual, o fogo de Deus se apaga; e uma lâmpada que não alumia, para que serve?

2. O Pastor de almas segundo santo Agostinho no sermão 46.

Ouvimos em muitas ocasiões que santo Agostinho nunca havia sonhado em tornar-se um pastor de almas. Seu sonho inicial, depois de ter recebido o batismo na noite de Páscoa do ano 387, foi o de servir a Deus como monge, como um *servus Dei* dedicado, até o final de sua vida, à oração, meditação dos mistérios de Deus, ao trabalho manual e intelectual, à vida comunitária, à leitura da palavra de Deus e à celebração de seus mistérios. Tudo isso fica plasmado na carta endereçada a seu *alter ego* Nebrídio (ep. 10, 2), pois este projeto espiritual fica englobado no que ele chama “*deificari...in otio*”. Não obstante, como bem sabemos, a Igreja requer seus serviços como pastor, já que a Igreja católica do norte da África vivia momentos de uma verdadeira e grande crise. No norte da África, no final do século quarto, existia uma Igreja dividida por um doloroso cisma (o donatista), que alcançou grande proporção, a ponto dos bispos donatistas proibirem os padeiros venderem pão aos católicos (c. litt. Pet. 2, 184). Uma Igreja com um clero de uma escassa preparação, e em algumas ocasiões, uma duvidosa vida moral. Uma Igreja incapaz de fazer frente a outros inimigos como o maniqueísmo e o paganismo. Uma Igreja que via seus fiéis católicos vacilar em sua própria fé e voltar a encher os teatros e anfiteatros, aclamando, com a mesma voz com que cantavam as virtudes divinas, aos gladiadores e aos aurigas (en. Ps. 39, 8). Por isso, quando o bispo Valério –de latim vacilante (pois era de origem grega, [Vita 5]) e idade avançada –, e o povo fiel de Hipona reconhecem Agostinho entre os fiéis, literalmente o “apresam” (assim o diz o próprio santo Agostinho “*fui “apresado” (apprehensus) e feito presbítero*” s. 355, 2) e o obrigam a aceitar ser sagrado presbítero da Igreja de Hipona. Embora tentado a fugir para a solidão por sentir-se indigno do ministério sacerdotal e oprimido pelo peso de suas culpas (conf. 10, 70, não sabemos se antes ou depois de sua ordenação sacerdotal, que possivelmente se deu em janeiro d 391), Santo Agostinho, depois de meditar as palavras de são Paulo (2 Cor 5, 14-15: “*Se e um só morreu por todos, logo todos morreram. Sim, ele morreu por todos, a fim de que os que vivem já não vivam para si, mas para aquele que por eles morreu e ressurgiu.*”), decide aceitar a vontade de Deus.

A partir de então, santo Agostinho renuncia à sua vida de *otium sanctum* para abraçar o *amoris officium* (Io. eu. tr. 123, 5), o ministério pastoral, sem deixar de ser monge. Isto é preciso destacar: mesmo sendo presbítero e depois bispo, santo Agostinho nunca deixará de ser monge, e de viver como um monge, na medida em que o permitiam suas obrigações que eram a pesada carga ou *sarcina* (mochila dos legionários romanos: s. 339, 2) que a Providência divina havia colocado sobre seus ombros.

Uma constante nas reflexões que santo Agostinho faz sobre o ministério pastoral é assinalar que não se trata de nenhuma honra (*honor*), mas de um peso e uma carga (*onus*: s. 301, 8) que só pode ser levada com dignidade e alegria se amparada pela graça de Deus. E é interessante como na carta 21, escrita quase na mesma época de sua ordenação, em janeiro de 391, santo Agostinho escreve: “(...) *nesta vida, sobretudo nestes tempos, nada há mais fácil, mais prazenteiro e de maior aceitação entre os homens que o ministério de bispo, presbítero ou diácono, se desempenhado por mero cumprimento e adulação. Mas ao mesmo tempo, nada há mais torpe, triste e abominável a Deus que essa conduta. Do mesmo modo, nada há nesta vida, máxime nestes tempos, mais gravoso, pesado e arriscado que a obrigação do bispo, presbítero ou diácono; de igual modo nada há de mais santo aos olhos de Deus se exercido como o exige nosso Imperador*” (ep. 21, 1).

O pastor será para santo Agostinho um ministro, um simples servidor, segundo sua frase tão repetida em seus escritos: *Dispensator verbi et sacramenti* (c. litt. Pet. 3, 67). Não é o dono nem o mediador. A teologia agostiniana tem em muitos casos como pano de fundo o pensamento neoplatônico, particularmente o de Porfírio que, através da *teurgia*, propunha muitos mediadores entre Deus e os homens (ciu. 10, 10). Para santo Agostinho, contudo, será muito claro que só existe um mediador entre Deus e os homens: Jesus Cristo. Ninguém vai ao Pai se não for por ele, que é

Pátria e caminho a um só tempo (s. 123, 3, 3).

Cristo é o único sacerdote (*conf.* 10, 69). Quem desempenha o ministério sacerdotal na terra em qualquer de seus graus, o fará em nome de Cristo, com o poder recebido de Cristo através de sua Igreja e em favor da mesma Igreja, em comunhão com seus dirigentes, sua tradição, magistério e sua regra de fé (*ep.* 265, 6). Daí que santo Agostinho tem muito cuidado ao utilizar a palavra “sacerdote” (*sacerdos*), pois o único e Sumo Sacerdote ungido pelo Pai desde toda a eternidade é Cristo (*c. Faust.* 12, 36). Por isso a palavra “*sacerdos*” nos escritos agostinianos, na maior parte dos casos, se aplica ou ao sacerdócio do Antigo Testamento (*c. ep. Par.* 2, 14), ou diretamente a quem é o Sacerdote Eterno, Cristo (*trin.* 1, 20). Os demais graus do sacerdócio serão denominados com o nome de bispo (*episcopus*), presbítero (*presbyter*) e diácono (*diaconus*), mesmo não excluindo o termo co-sacerdote (*consacerdos*), para referir-se àqueles que se equipararem com ele no ministério sacerdotal recebido de Cristo por meio de sua Igreja (*ep.* 34, 5).

Mas voltemos à metáfora que propomos no início e que aparece no sermão 46, particularmente em sua primeira parte; a da imagem da lâmpada de azeite, que representa quem desempenha um trabalho pastoral dentro da Igreja. Vejamos algumas características que este deve ter.

1. O bom pastor é uma lâmpada que deve iluminar

A. Ilumina com as Sagradas Escrituras

*A missão de quem foi constituído pastor dentro da Igreja é iluminar o povo com a palavra de Deus (s. 46, 5) que é a luz que brilha nas trevas até que desponte a aurora. Por isso, o pastor é constituído *dispensator verbi et sacramenti* (*c. litt. Pet.* 3, 67). Deve alimentar o povo de Deus com sua palavra e com os sacramentos. A Bíblia não é outra coisa senão as cartas que nos envia Deus, nosso Pai, que está na Pátria, o Reino dos céus, de onde nos anima a não abandonarmos a peregrinação para ela (*en. Ps.* 64, 2).

*A pregação, pois, do bom pastor, deve partir não de doutrinas humanas ou filosofias da moda, mas da reflexão e meditação cotidiana da Sagrada Escritura. A Bíblia é como o rio onde deve se alimentar o pregador da palavra. Antes de começar a falar ele deve rezar, ser um orante antes de ser um orador (*doctr. chr.* 4, 32): “*Nestes montes (a Bíblia) que estamos mostrando, manam os riachos da pregação do evangelho (...) e em todo lugar da terra se fez alegre e fecundo para as ovelhas que hão de ser apascentadas*” (s. 46, 24).

Em meio a um mundo onde não há tempo para nada, o bom pastor deve exortar a seus fiéis a que busquem um espaço e um tempo para ter um encontro vivo e significativo com a Palavra de Deus: “(...) cotidianamente os códices do Senhor são vendidos e lidos; compra-os e lê tu também, quando houver tempo; melhor dito, faz com que haja (tempo), pois, é melhor que o tenha para isto do que para frivolidades*” (s. Dolbeau 5, 14).

*O bom pastor, pois, como diz santo Agostinho no sermão 46, “coloca as ovelhas sobre os montes de Israel”: “*Reuni-vos nos montes da Sagrada Escritura. Ali se encontram as delícias de vosso coração; nada há de venenoso, nada de estranho; há pastos ubérrimos. Vinde sadias, apascentai-vos sadias nos montes de Israel*” (s. 46, 24).

B. A lâmpada que é o pastor se alimenta de azeite

Santo Agostinho se refere em primeiro lugar a que o pastor tem direito a seu salário (Mt 10, 10). Como uma lâmpada para iluminar necessita ter óleo, o pastor necessita ter suas necessidades materiais satisfeitas. Para isso santo Agostinho cita as palavras de 1Cor 9, 7 no sermão 46: “*Quem apascenta um rebanho e não bebe de seu leite?*” (s. 46, 3), para indicar três coisas. Em primeiro lugar, mesmo que o pastor tenha direito a que suas necessidades materiais sejam satisfeitas por

aqueles a quem se dirige seu trabalho pastoral, não deve estabelecer tudo conforme seu interesse em remediar tais necessidades. Exercer o trabalho de pastor de almas dentro da Igreja católica não é um ofício ou trabalho como qualquer outro. É um ministério, algo que se recebe como encargo de Deus; é onde o coração está posto para o serviço da caridade; em exercer um ofício de amor misericordioso (*misericaordiae officium*: s. 46, 4.), não uma busca mesquinha de uma maneira de satisfazer as próprias necessidades. Por isso o bom pastor: “*não se alegra tanto de que tenham vindo em socorro de sua necessidade, mas se congratula com a fecundidade das ovelhas*” (s. 46, 4).

Em segundo lugar é preciso exortar e ensinar às ovelhas a interessar-se por seus pastores, pois eles recebem seu trabalho e seu serviço, e as ovelhas não podem desinteressar-se de suas necessidades materiais. A preocupação pelos pastores é uma maneira através da qual as ovelhas manifestam que a obra de Deus neles está dando fruto. São Paulo não exigia o pagamento que por direito lhe correspondia, mas, diz santo Agostinho, aceitava o que os fiéis lhe davam, pois: “*desejava que todas as ovelhas dessem fruto e não fossem estéreis sem a abundância de leite (para seus pastores)*” (s. 46, 4).

Em terceiro lugar, falando da compensação que se recebe pelo ministério pastoral, santo Agostinho deixa bem claro que não se trata de um pagamento, nem tampouco de recompensa; é apenas uma maneira de satisfazer as próprias necessidades materiais e de criar um compromisso dos fiéis com os ministros de Deus. A única recompensa do pastor agostiniano, no sentido pleno da palavra, está em Deus. Equivoca-se quem busca no ministério pastoral a própria glória, a exaltação do próprio ego. O trabalho pastoral se exerce em nome de Deus, buscando a glória de Deus e sabendo que a recompensa está só em Deus (*mercedem dispensationis a Domino*: s. 46, 5).

Por isso santo Agostinho condena os ministros da Igreja que vêm no trabalho pastoral um estrado para enaltecer suas próprias pessoas, para fazer-se objeto de elogio e exaltação por parte de suas ovelhas. Quem faz isto, se veste com a lã das ovelhas, quer dizer, busca as honras e louvores (s. 46, 6), mas se equivoca, pois sua função não é colocar-se no centro nem em ponto de mira dos fiéis. O trabalho pastoral se faz em nome de Cristo e só a ele devemos tributo de glória. O mau pastor alimenta seu ego e soberba com o trabalho pastoral, desalojando a todos, porque se crê que é o único protagonista, chegando a desalojar o próprio Cristo. Assim diz santo Agostinho: “*Gloriam-se os pastores, mas o que se gloria, que se glorie no Senhor [2Cor 10, 17]. Isto é apascentar (o corpo de) Cristo, isto é apascentar em Cristo, e apascentar com Cristo, não apascentar-se a si mesmo deixando Cristo de fora*”(s. 46, 30).

C. É uma lâmpada que deve arder e brilhar

Quem foi constituído pastor da Igreja, apesar de seu próprio barro, recebeu o fogo de Deus para ser colocada no candeeiro da Igreja de onde deve iluminar o povo não só com a luz da palavra de Deus, mas também com o exemplo de sua própria vida. Há maus pastores que, colocados à frente de todo o povo fiel, matam a suas ovelhas com o mau exemplo de sua vida (s. 46, 9), pois desanimam às fortes e às fracas dão ocasião de justificar seus próprios pecados, como se estas ovelhas dissessem: “*se meu prepósito (pastor) vive desta forma, quem sou eu para não fazer o que ele faz?*” (s. 46, 9). Trata-se de maus pastores aos quais santo Agostinho aplica as palavras do evangelho: “*Fazei o que dizem, mas não façais o que fazem*” (Mt 23, 3). O mau exemplo é como um veneno que os maus pastores dão em lugar do alimento e que matam as ovelhas (s. 46, 22).

Para santo Agostinho era muito importante não só a questão do testemunho e de ter uma boa consciência, mas também o ter uma boa fama (*ep.* 83, 4). Não basta ao pastor da Igreja ter a consciência tranquila, sabendo que não faz nada ilícito; mas, provavelmente, sua conduta seja motivo de escândalo para os mais fracos e isto vai minando sua boa fama e vai ser motivo de queda para os mais fracos na fé. Por isso santo Agostinho recomenda ao pastor da Igreja que seja uma

pessoa transparente, sabendo que sua vida está ante os olhos dos fiéis (s. 355, 1), evitando todo tipo de escândalos, vivendo com simplicidade e alegria sua vocação. Santo Agostinho sabe que em certas ocasiões não é possível evitar os escândalos dentro da Igreja, como os que estamos vivenciando hoje. O que santo Agostinho mais lamenta não é que ocorram os escândalos, mas que haja pessoas que se deleitam com eles e levam os fiéis a crer que todos os pastores ou consagrados vivem uma má vida como os maus pastores: *“Por que razão se sentam estes a julgar, ou que coisa procuram averiguar senão a queda de algum bispo, clérigo, monge ou monja? Em seguida crêem, discutem, apregoam que todos são assim, ainda que não se possa constatar isso em todos (...) Posto que tiram de nossas dores certo gosto para sua má língua, podemos compará-los com propriedade aos cães; são, em sentido negativo, aqueles cães que lambiam as chagas do pobre Lázaro (...). Mas Lázaro tolerou todas as indignidades e fadigas até chegar ao descanso no seio de Abraão”* (ep. 78, 6).

E a solução de santo Agostinho para estes maus pastores, que vivem uma má vida, que receberam o azeite, mas não irradiam a luz, é muito drástica: como lâmpadas de barro que já não servem, devem ser descartados: *“Se a lâmpada, depois de receber o óleo, não luzisse, não seria digna de continuar no candeeiro, mas de ser logo destruída”* (s. 46, 5).

D. É uma lâmpada que deve iluminar com a doutrina do Evangelho

Não é um bom pastor aquele que na pregação da palavra de Deus, transige com os gostos e as modas do momento, admitindo um relativismo e uma ética mínima, arremessando as ovelhas para longe da verdade do evangelho e da tradição e princípios da fé da Igreja. Assim santo Agostinho põe na boca desses maus pastores estas palavras: *“Vivam como quiserem, estejam certos, Deus não perde ninguém; basta que tenham fé cristã”*. (s. 46, 8). Os que fazem tal coisa, prometendo uma falsa felicidade neste mundo (s. 46, 11) estão construindo para as ovelhas sobre areia; ao chegar a tribulação, sucumbirão.

O bom pastor edifica a suas ovelhas sobre a rocha (Mt 7, 24-26), que é Cristo (1Cor 10, 4), chamando-as a imitar os sofrimentos de Cristo (*Christi passiones imitandae*), não a buscar comodidades e prazeres (s. 46, 10), recordando-lhes que, ao se aproximarem do Senhor, é preciso que se preparem para a tentação, para a prova (Sir 2, 1: s. 46, 10), pois quem quiser viver bem em Cristo não de sofrer a tribulação (2Tim 3, 12: s. 46, 11). No entanto, o bom pastor, deve também recordar às ovelhas que não devem ter medo, pois a graça de Deus não lhes vai faltar, e quem enviou a tribulação, antecipadamente mandou a graça e a força para vencê-la: *“Prometer a misericórdia de Deus a quem está demasiado temeroso e até mesmo assustado; misericórdia que consistirá não em que lhe falem as tentações, mas em que Deus não permitirá que o cristão seja tentado acima de suas forças (...)”* (s. 46, 12).

E. É uma lâmpada que deve iluminar para guiar os fracos e extraviados

O pastor da Igreja deve também, como uma lâmpada que ilumina, cuidar das ovelhas enfermas, particularmente das enfermas no espírito, tanto aquelas que sofrem da enfermidade de algum pecado que lhes tenha quitado a liberdade e a alegria, como particularmente das que são como o paralítico do evangelho, que para se apresentar ante Cristo foi necessário arrancar o teto do lugar onde estava o Senhor e ser baixado. Estas ovelhas se assemelham ao paralítico, pois estão dominados pela paralisia do pecado, concretamente da concupiscência e esta lhes torna incapazes de fazer o bem. O bom pastor, como Cristo e em nome de Cristo lhes devolve a saúde da alma: *“É como se quisessem fazer isto com a alma: abrir o teto, por ante o Senhor a alma paralítica, desconjuntada em todos seus membros e sem qualquer obra boa, carregada com seus pecados e sofrendo com o mal de seu desejo (...). Chegue a ele aquela consolação com que se enfaixa o que*

está fraturado: Fiel é Deus que não permitirá que sejais tentados acima do que podeis suportar (...) (s. 46, 13)”.

O bom pastor da Igreja busca também às ovelhas perdidas, pregando e insistindo oportuna e inoportunamente (2Tim 4, 2: s. 46, 14), não pondo pretextos humanos pensando que não vão escutar, que não vão prestar atenção ou que o que se possa fazer é perder tempo. O pastor da Igreja é um ministro que recebeu talentos do dono que é Deus (Lc 9, 21ss); com eles deve negociar, anunciar a salvação a todos, sem preguiça, sem questionar se será útil ou não. O pastor é um servidor, não um cobrador. No dia do juízo será Deus quem pedirá contas aos que não quiseram escutar as palavras da pregação e chamados à conversão. O dever do pastor é pregar, falar, insistir, negociar com os talentos recebidos de Deus: *“Frequentemente se diz o seguinte: ‘por que o corriges? É tempo perdido, não te escuta. Mas eu’, diz ele, ‘não quis dar para não perder teu dinheiro’. Ele contestou: ‘Devias ter dado meu dinheiro, para que, ao voltar, eu pudesse recuperá-lo com juros; te constituí dador, não cobrador; tu devias ter-te empenhado em dar, deixando-me o encargo de cobrar’”* (s. 339, 4).

O bom pastor cuida das ovelhas mais necessitadas e frágeis, manifestando sua caridade de pastor particularmente com aqueles que não lhe podem corresponder: *“Somos servos de sua Igreja, particularmente de seus membros mais frágeis”* (op. mon. 29, 32). E santo Agostinho vai por isto em prática. No dia do aniversário de sua ordenação episcopal, santo Agostinho oferecia uma comida para os pobres de Hipona, para aqueles que juntamente com ele eram pobres (*compauperes*) (s. 339, 4). São Possídio em *Vita Sancti Augustini* nos conta que em certa ocasião, santo Agostinho, como o havia feito santo Ambrosio e outros santos, mandou vender os vasos sagrados para com o dinheiro socorrer a uns cativos e indigentes (*Vita Augustini*, 24).

F. É uma lâmpada que deve a cada dia configurar-se mais com a Luz que é Cristo

Se for verdade que o pastor é uma lâmpada e que recebeu a luz e o fogo de Deus, deve procurar todos os dias -com sua intensa vida espiritual, com seu processo de formação contínua, com seu trabalho, sua vida comunitária e a recepção frequente dos sacramentos- configurar-se mais intimamente com Cristo, o Sumo Sacerdote, em cujo nome exerce seu ministério, de tal maneira que a voz de Cristo se prolongue através da voz do pastor, e o amor do mesmo Cristo se mostre e manifeste na caridade o pastor. São eles, os pastores, os que visivelmente apascentam as ovelhas, mas na realidade quem as apascenta não é outro senão o único pastor, Cristo. Ainda mais: para santo Agostinho todos os bons pastores não são senão uma só coisa: formam uma unidade dentro do grande corpo de Cristo que é a Igreja, e quem apascenta a Igreja é o próprio Cristo; se dá uma unidade de caridade: *“Mas todos os bons estão em um, são uma só coisa. Apascentam eles, é Cristo quem apascenta. Os amigos do Esposo não dizem que é sua voz própria, senão que gozam da voz do esposo. Portanto, é ele mesmo quem apascenta quando eles apascentam. Diz: Sou eu quem apascento; pois neles se encontra a voz dele, neles sua caridade”* (s. 46, 30).